



# II SIMPÓSIO PROCESSOS CIVILIZADORES NA PANAMAZÔNIA

Figuração, interculturalidade e  
relação de poder

9 a 11 de junho de 2021  
Manaus-AM-Brasil

ISBN: 978-65-89908-54-8

## **SONS OUVIDOS, SENTIDOS ... DOS INSURGENTES PODERES DAS SUBJETIVIDADES**

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021  
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

**OLIVEIRA; MÁRCIA MARIA GONÇALVES DE <sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Neste trabalho, pretendo desenvolver reflexões que vêm alimentando a minha existência e a minha prática profissional. Trata-se de questionar a produção do eu, desde o lugar “outsider”, dos sons, ouvidos, sentidos ... dos insurgentes poderes das subjetividades. Busco compreender por meio da narrativa autobiográfica, como o processo civilizador ao qual fui submetida durante minha trajetória escolar, acadêmica, profissional, bem como verificar qual o papel histórico da escola na construção dos sujeitos e se tal compreensão pode se estender a outros profissionais da educação e a outras identidades; colaborando para que subjetividades sejam pautas reflexivas no processo de formação. Em síntese, esta proposta de estudo visa, considerando o processo civilizador visto por Norbert Elias e a educação como possibilidade de emancipação conforme propõe T. Adorno, buscar na autobiografia caminhos rumos a um movimento contrário ao modelo civilizatório instituído. O objetivo central será investigar na narrativa autobiográfica outras perspectivas civilizatórias não instituídas. Além disso, objetivamos também analisar situações em que mudanças comportamentais podem ser classificadas como insurgentes ou transgressoras; conhecer a história da etnia de meus parentes Maracás/Payayá, conseqüentemente, semelhanças entre valores e costumes; identificar momentos/situações ao longo da trajetória escolar capazes de desconstruir costumes, valores oriundos do meu lugar (rural, indiadescendente, sertaneja, etc) e verificar na história familiar os saberes ancestrais vividos e apreendidos ao longo da convivência pelas diferentes gerações. Os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa, tende a se nortear pelos princípios da fenomenologia. O seu desenvolvimento apontará os caminhos a serem percorridos. A ênfase será os aspectos teóricos metodológicos da autobiografia, baseada na narrativa de experiências sociais em comunidade, as vivências familiares, a experiência de iniciação educacional e a experiência de entrada e permanência na Universidade. Nessa direção, destacarei questões identitárias, trajetória estudantil na educação básica e universitária; sobretudo as estratégias de construção de um possível êxito (estratégias

<sup>1</sup> IFBA- INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO DA BAHIA, marcia.goncalves@ifba.edu.br

individual, social e familiar em cada etapa). Nessa construção, se possível lançaremos mão de fotografias, vídeos, entre outros elementos possíveis que sejam capazes de destacar meu processo de construção ao longo do tempo. Nesse sentido, destaque para os acontecimentos sociopolíticos, as ações, os engajamentos, as pessoas que me influenciaram por meio de vínculos livremente consentidos ou não; as posições sociais adotadas até aqui, as buscas, encontros/desencontros de uma arte de viver/conviver/existir/resistir (Josso, 2006). Gaston Pineau (2006), ao tratar de história de vida como artes formadoras da existência evidencia: Os adultos em formação – dos quais espero fazer parte – não procuram escrever sua história para fazer literatura e, ainda menos, como uma atividade disciplinar. Eles procuram escrever sua história para tentar sobreviver, isto é, em primeiro lugar, ganhar sua vida, fazê-la ou refazê-la um pouco (p. 43). Vivenciar a perspectiva autobiográfica não será tarefa fácil, pois tudo leva a crer que esse exercício de se “desdobrar em sujeito e objeto de conhecimento” é desafiador porque é uma atividade de autoformação vital (idem p. 57). Nessa linha de pensamento, tomo as experiências colonizadoras vistas no filme *Geração Roubada*, especificamente e reafirmo que elas vão ao encontro do que defendo e ao mesmo tempo busco. Esta obra cinematográfica, serviu, serve e servirá de esteio para a execução desse trabalho. Durante esses anos, encontro-me em achados acadêmicos que me inspiram e me fazem renovar. Ao longo da caminhada com formação de professores, tenho refletido sobre o que faço, sobre o que me tornei e os possíveis resultados do trabalho desenvolvido, principalmente sobre ecos e seus poderes de construções subjetivas. Ressalto que subjetividade é aqui compreendida como o processo pelo qual algo se torna constitutivo e pertencente ao indivíduo de modo singular. É o processo básico que possibilita a construção dos sujeitos, como nos relacionamos com o mundo social e as marcas singulares e plurais. Diz respeito ainda as crenças e valores que o indivíduo, com suas experiências e histórias de vida se reconstrói, posto que, conforme aponta Lúcia Santaella (2003), essa subjetividade herdada do cartesianismo, vem sendo colocada em crise pela filosofia e pela psicanálise, especialmente. Somado a isso, conforme venho destacando ao longo desse trabalho, a leitura fílmica tem se mostrado imprescindível para a ampliação de minha compreensão histórica. Nesses últimos anos tenho rememorado configurações que foram e continuam sendo cruciais para construção das subjetividades. A minha casa era lugar onde convivia com saberes ancestrais típicos do convívio rural. Já a escola, era o lugar onde me solicitavam o abandono das figurações familiar-comunitária e me acenavam a escolarização como a figuração capaz de obturar o espírito e o intelecto. A universidade, passou a ser o espaço de assunção da transgressão, da resistência e da possibilidade de novas experiências. Entretanto, é na docência que sinto necessidade de (re) pensar acerca do que me tornei e do que faço, de desejos insurgentes; refletir acerca dos atos transgressores que fundam transitoriedades no poder. A universidade, a escola são espaços em que ações transgressoras ocorrem diariamente. Entretanto, outros espaços de ações são visibilizadas de forma que aprendemos muito. Por isso, há uma sensação de que “ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais[1]”. Sabemos, claro, da importância de todo trabalho intelectual, das inúmeras produções teóricas (fruto das ações de ensino, pesquisa e extensão). Tenho pensado que possivelmente, os ataques que a universidade sofre, especialmente nesses últimos anos, faz-me crer que essa instituição é um desses espaços de possibilidades de transgressão. Usando as palavras de bell hooks, “apesar das experiências intensamente negativas, me formei na

escola ainda acreditando que a educação é capacitante, que ela aumenta nossa capacidade de ser livres” (2017, p.13). Mesmo não tendo noção ainda desses processos em que me encontrava imersa e do papel contraditório da educação, continuei acreditando na possibilidade desta como prática de emancipação. E ao longo de minha trajetória formativa passei a ter contato com diversas leituras importantíssimas para minha jornada de revisão da educação enquanto prática ideologizante do Estado na perspectiva althusseriana e também como prática de liberdade, conforme nos aponta bell hooks (2017). Além desses, o encontro com a obra de T. Adorno (1995) sobre Educação e Emancipação chegou como possibilidade de ampliar minha compreensão acerca do papel da educação e de nós educadores. De modo geral, o autor aponta a educação, portanto, os professores como possibilitadores de criar condições para que cada um possa viver livremente, e assim ser capaz de desenvolver todas as suas potencialidades. [1] Título da música composta por Antonio Belchior e interpretada pela cantora Elis Regina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autobiografia, Processo Civilizador, Trajetória Escolar